

## Firmamentum

– em busca da compreensão semântico-fenomenológica de  $rq^c$  /  $rāqī^{ac}$  na Bíblia Hebraica

(Parte I)

Oswaldo Luiz Ribeiro<sup>1</sup>

(revisado em 18/11/2008)

Oswaldo Luiz RIBEIRO. Firmamentum – em busca da compreensão semântico-fenomenológica de  $rq^c$  /  $rāqī^{ac}$  na Bíblia Hebraica (Parte I). *Via Teológica*, Curitiba, n. 16, v. 2, dezembro de 2008, p. 7-22.

**Resumo:** o artigo investiga semântico-fenomenologicamente as ocorrências da raiz hebraica  $rq^c$  ( $rāqī^{ac}$ ) no Tanach, tendo por objetivo levantar o que Marcel Detienne chama de “microrredes de configurações culturais”: nesse caso, as atualizações da raiz em suas diversas configurações semânticas. Tem-se por objetivo último verificar em que sentido se deve, nesse caso, interpretar a ocorrência da raiz (“firmamentum”) em Gn 1,1-2,4a (matéria para a Parte 2 do artigo).

**Abstract:** the paper investigates semantic-phenomenologically the occurrences of the Hebrew root  $rq^c$  ( $rāqī^{ac}$ ) on Tanach, with the aim of to survey of what Marcel Detienne calls “micro-networks of cultural settings”: in this case, the updatings of the root in its various semantic configurations. The goal is to find out what the significance of the occurrence of the root (“firmamentum”) in Gn 1,1-2,4a (subject to Part 2 of article).

**Palavras-chave:**  $rāqī^{ac}$ , *fīrmamentum*, cosmogonia, criação, Gn 1,1-2,4a.

### 1. Introdução – ou: “tentando prestar atenção”

“Para quem sabe prestar atenção” – é a expressão que Marcel Detienne usa para referir-se ao fato de que, eventualmente, alguém poderia aperceber-se de informações a respeito de Apolo, partindo de diferentes atualizações da cultura helênica<sup>2</sup>. Metodologicamente, trata-se de “conhecer não somente os rituais, os calendários, os regulamentos culturais, mas também os escritos indígenas sobre plantas, animais, pedras, minerais, técnicas, tudo aquilo que vai lhe permitir (trata-se do helenista) ‘pousar sobre uma rede cultural’, mais ou menos tão bem quanto um etnólogo em sua aldeia”<sup>3</sup>. Aqui, a intenção é aplicar a mesma pretensão que a sugerida ao helenista – um biblista passando por um “historiador-antropólogo”, observando, através de textos, a dinâmica interna de uma rede cultural em particular.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela PUC-Rio, Mestre e Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (e Faculdade Batista do Parná). Professor do STBSB/FABAT e SETEBES.

<sup>2</sup> Cf. Marcel DETIENNE, *Comparar o Incomparável*. Aparecida: Idéias & Letras, 2004, p. 113.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 110-111.

A pretensão do presente artigo é levantar a “rede cultural” dentro da qual maneja-se a raiz hebraica *rq<sup>c</sup>*. Isso, na Bíblia Hebraica. Isso, por meio de levantamento semântico-fenomenológico – tratamento criterioso de cada ocorrência da raiz à luz de seu próprio contexto literário/histórico-social. Se forem feitas as perguntas certas aos textos, e caso se saiba “prestar atenção”, talvez se possa levar a sério a afirmação teórico-metodológica de Karl-Otto Apel: “e também ‘textos’ podem ‘responder!’”<sup>4</sup>. Todo o esforço visando a um objetivo de fundo – determinar com o máximo de precisão possível o sentido com que a raiz *rq<sup>c</sup>* é atualizada em Gn 1,1-2,4a, para, assim, responder a pergunta: nos termos da cosmovisão própria do horizonte de produção dessa particular cosmogonia judaíta, o que é o *firmamentum* aí?

A pesquisa será divulgada em duas partes/fases. Essa, a primeira, dedica-se às ocorrências da raiz na Bíblia Hebraica, exceto em Gn 1,1-2,4a e Ez 1 e 10. A segunda, onde as ocorrências daquelas perícopes serão analisadas e, à luz das conclusões do presente artigo, somadas às daquele, apresentado o relatório conclusivo.

Marcel Detienne fala de “microrredes” de configurações temáticas internas a uma determinada cultura, as quais se “apresentam em interação complexa sobre toda a extensão do campo cultural”<sup>5</sup>. São essas “microrredes”, agora relativas à raiz *rq<sup>c</sup>*, que se passa a descrever.

## 2. Das ocorrências de *rq<sup>c</sup>* na Bíblia Hebraica (exceto Gn 1,1-2,4a e Ez 1 e 10). Análise.

Na Bíblia Hebraica, são três as atualizações formais de *rq<sup>c</sup>*: *rāqa<sup>c</sup>* – Ex 39,3; Nm 17,3.4; 2 Sm 22,43; Jó 37,18; Sl 136,6; Is 40,19; Is 42,5; Is 44,24; Jr 10,9; Ez 6,11; Ez 25,6; *riqqū<sup>c</sup>a* – Num 17,3; e *rāqī<sup>ac</sup>* – Sl 19,2; Sl 150,1; Dn 12,3. Como verbo, seja ou não em contexto cosmogônico, com a idéia de “dar ao metal a forma de chapa”, logo, “chapar”, bem como emprestando dessa atividade fabril, na forja, os movimentos de “bater” e “pisar”: Ex 39,3; Nm 17,4 (com substantivo no v. 3); Jó 37,18; Sl 136,6; Is 40,19; Is 42,5; Is 44,24; Jr 10,9; Ez 6,11; Ez 25,6; 2 Sm 22,43. Como substantivo, traduzindo a idéia de “laminado” ou “chapa” de metal: Nm 17,3 (como verbo no v. 4); Sl 19,2; Sl 150,1; Dn 12,3.

Num primeiro movimento metodológico, convém “prestar atenção” à fenomenologia da raiz atualizada em cada passagem. O resultado é o que segue.

1) Ex 39,3 (cf. Ex 39,2-7 – o *ʾēpōd*)

– wayəraqqə<sup>c</sup>ū ʾeṭ-paḥē hazzāhāḇ wəqīṣṣēs pəṭīlīm

---

<sup>4</sup> Karl-Otto APEL, *Transformação da Filosofia – II*, São Paulo: Loyola, 2000, p. 125, *nota*. O contexto da citação é o seguinte: “as elucidações comportamentais apostas a objetos ‘mudos’ só podem ser verificadas por meio de observações; as ‘hipóteses’ hermenêuticas, ao contrário, são verificadas primeiramente por meio de respostas dos interlocutores na comunicação – E também ‘textos’ podem ‘responder’”.

<sup>5</sup> Marcel DETIENNE, *op. cit.*, p. 120.

“E chaparam as lâminas de ouro, e cortaram fios” (“batterono placche d’oro”, ils battirent les plaques d’or”, “sie hämmerten die Goldbleche zurecht”). O processo descrito parece ser o de tomar-se ouro, prepará-lo, por meio da ação de bater a martelo, transformando-o em “chapas”, “lâminas”, para, delas, cortando-as, produzir “fios” de ouro. O processo pode estar sendo descrito em Is 41,7a: “o ḥārāš dá força ao ourives, o alisador de martelo ao batedor de bigorna” (wayəḥazzēq ḥārāš ʿeṭ-šōrēp maḥālīq paṭṭīš ʿeṭ-hôlem pā<sup>c</sup>am). “Alisador” e “batedor” (Is 41,7a) são participios que se prestam bem à imagem pressuposta em “chapear” (Ex 39,3). Assim, em Ex 39,3, a raiz rqc<sup>c</sup> carrega a idéia de “chapa” (de metal) – nesse caso, o processo de dar ao metal a forma de chapa (cf. Nm 17,3).

2) Nm 17,3 (cf. [Nm 16 +] Nm 17,1-15 – o motim dos incensórios)

– wə<sup>c</sup>āsū ʾōṭām riqqū<sup>c</sup>ê pāḥîm šippûy lammizbē<sup>a</sup>ḥ

“E que se façam, com eles, chapas de laminados, (para) revestimento do altar” (“lamine battute”, “batte le métal en plaques”, “breitgehämmerte Bleche”, “folhas estendidas” [Almeida]). O que se ordena fazer com os incensórios é o mesmo que se faz com o ouro em Ex 39,3, e se descreve em Is 41,7 – independentemente da forma original em que o metal se encontra, ele é transformado em “folha de laminado”, “chapa”, “placa”. Na forma de chapa ou laminado, o metal agora pode ser cortado e transformado em fios, ou, inteiro, servir de cobertura para alguma base, no caso de Nm 17,3, o altar. Assim, em Nm 17,3 a raiz rqc<sup>c</sup> sustenta o sentido de “chapa” (de metal – cf. Ex 39,3).

3) Nm 17,4 (cf. acima, Nm 17,3)

– wayəraqqə<sup>c</sup>ûm šippûy lammizbē<sup>a</sup>ḥ

“E transformou-os em chapas (“laminou-os”), (para) revestimento do altar” (“li ridusse in lamine”, “les battit en plaques”, “hämmerte sie breit”). O sentido é rigorosamente o mesmo que em Nm 17,3, sendo que, aqui, a raiz atualiza-se na forma de verbo, ao passo que, lá, na forma de substantivo. Isso significa que a mesma idéia pode ser traduzida tanto pela forma verbal quanto pela forma nominal da raiz rqc<sup>c</sup>. Nesse caso, trata-se tanto de “chapa(s) de metal” quanto de “processo de transformar (objetos de) metal em chapa(s)”. Em Nm 17,3.4, incensórios de cobre/bronze (maḥtōṭ hannəḥōšet – v. 4) são convertidos em “chapas” (“folhas”, “laminados”) de bronze”, que servem, então, de revestimento para o altar.

4) Jó 37,18<sup>6</sup>

– tarqī<sup>a</sup>c<sup>c</sup> immô lišḥāqîm ḥāzāqîm kir<sup>ʾ</sup>î mûṣāq

“Laminavas com ele para as nuvens, duras como espelho fundido<sup>7</sup>?”. Verso controverso. Por exemplo, para o verbo de abertura do versículo, Alonso-Schökel dá, em seu *Dicionário*, o sentido de “Hi. Fabricar uma placa Jó 37,18 + קצוץ מן הארז espelho de metal fundido”. Sua Bíblia, contudo, traduz: “podes estender como ele o firmamento?”. Penso constar uma mudança de referencial entre o *Dicionário* e a *Bíblia do Peregrino*. Técnico, o *Dicionário*

<sup>6</sup> Para argumentos na mesma linha, cf. D. PRESUTTA, *The Biblical Cosmos Versus Modern Cosmology*, p. 78-97; cf. ainda, WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 117-118.

<sup>7</sup> “Hard as a molten mirror”, cf. WESTERMANN, *Genesis 1-11*, p. 117.

informa – corretamente – que o verbo תִּרְקִיעַ (Hifil de רָקַע) significa “fabricar uma chapa”, o que está de acordo com o sentido do verbo em Ex 39,3 e Nm 17,3, e com o produto da ação do verbo em Nm 17,4. A *Bíblia do Peregrino*, contudo, traduz a oração עָמַד לְשִׁחָקִים תִּרְקִיעַ como “podes estender com ele o firmamento?”, e isso, mesmo que o termo de comparação, no final do verso, seja “espelho fundido”<sup>8</sup>. Ora, o termo “fundido” remonta aos processos de forja e fundição, logo, da metalurgia, logo, da fabricação de chapas. Jó 37,18 parece estar referindo-se imediatamente ao trabalho do ḥārāš na forja (mais uma vez, imagem que remonta a Is 41,7).

Nos termos em que a pergunta retórica é apresentada, a divindade faz as vezes de um ḥārāš, fabricando chapas de metal – as nuvens!, duras como espelho fundido. Que se trata de uma referência ao *firmamentum* (ainda que por meio de uma estratégia figurativa desconcertante – a divindade, um ḥārāš!), sabem-no tanto as versões, quanto, como se viu, Alonso-Schökel – “Hai tu forse disteso con lui il firmamento...?”, “kannst du gleich ihm die Wolkendecke ausbreiten...?”<sup>9</sup>. Penso que a interpretação de que Jó 37,18, quando emprega o termo “nuvens”/“nimbos”, esteja, com isso, referindo-se à “abóbada celeste”, aos “céus”, esteja correta. Gesenius considerava esse um caso de “metonímia”<sup>10</sup>. Recurso retórico semelhante pode-se ver em Pr 30,4, na terceira pergunta cosmogônica: “quem encerrou as águas com o manto?” (mî šārār-mayim baššimlā<sup>h</sup>), com isso querendo-se descrever as “nuvens” sustentando as águas superiores<sup>11</sup>. Sendo assim, não parece adequada a mudança de ação referencial que as versões promovem, transformando o agente do verbo em “estendedor”, quando, a rigor, ele cumpre a função de “fabricante de chapa” – um ḥārāš<sup>12</sup>. Sim, sim, chapas essas com as quais ela vai fazendo, então, as nuvens, logo, o firmamento. Mas, quando se traduz, por exemplo, como Alonso-Schökel, “podes estender como ele o firmamento”, ele, que era um ḥārāš flagrado em pleno trabalho na forja, vê-se simplificado na imagem de uma divindade “estendendo” os céus. Quer-me parecer que a pergunta cosmogônica de Jó 37,18 não aponta imediatamente para o firmamento sendo estendido, mas para a atividade de fabricação das chapas, com as quais vão sendo fabricadas as duras nuvens do firmamento, duras como espelhos fundidos. Quando se pergunta se Jó estava lá,

---

<sup>8</sup> “Espelho” – cf. B. OTZEN, צַיִר, em: BOTTERWECK, RINGGREN e FABRY, *Theological Dictionary of the Old Testament*, p. 256; D. VETTER, רָאָה, em JENNI e WESTERMANN, *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, c. 874; HOUTMAN, *Exodus*, p. 55. À luz de paralelo com *Ras Shamra*, contudo, M. Dahood traduz “bowl” (“tacho”, “bacia”, “tigela”): “solid as a bowl of cast metal” (cf. Mitchell DAHOOD, “Ugaritic-Hebrew Paralell Pairs”, em: RUMMEL, *Ras Shamra Parallels*, p. 146).

<sup>9</sup> Cf. Walther EICHRÖDT, *Teología del Antiguo Testamento*, p. 101: “para a mentalidade antiga, o céu não era alguma coisa etérea e imaterial, mas, ao contrário, uma estrutura maciça cuja estabilidade superava a da terra”.

<sup>10</sup> “Metonímia” – GESENIUS, קַחַשׁ, em: *A Hebrew and English Lexicon*, p. 1057. “Metáfora” – “Scripture compares (...) heavens to a mirror for nothing but strength” (Ibn Ezra), cf. COHEN, *Three Approaches to Biblical Metaphor*. No século XVII, Galileu já havia interpretado a passagem como uma descrição do “firmamento” tal qual os “antigos hebreus” criam, característica que, segundo ele, já havia sido superada cientificamente em sua época (cf. FINOCCHIARO, *Retrying Galileo*, p. 157).

<sup>11</sup> Para a interpretação de Pr 30,4 como fragmento cosmogônico, cf. Osvaldo Luiz RIBEIRO, Como que pelos chifres: o vento na criação, segundo Pr 30,4, *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 15, n. 9, 2005, p. 1371-1383, disponível em [http://www.ouviroevento.pro.br/publicados/Como\\_que\\_pelos\\_chifres.htm](http://www.ouviroevento.pro.br/publicados/Como_que_pelos_chifres.htm).

<sup>12</sup> “Elihu explicitly describes God as beating out the sky like a metalworker” (GOLDINGAY, *Old Testament Theology*, p. 86).

com ele<sup>13</sup>, mais uma vez traz-se à tona a idéia dos companheiros de trabalho, na forja, como em Is 41,6-7 – passagem, aliás, que, não será acaso, certamente, aproxima a imagem do trabalho dos companheiros de trabalho, na forja, e Gn 1,1-2,4a, o que se deduz do fato de que, lá e cá, o resultado da obra vai sendo observado/analísado e aprovado: “Bom!”, “Boa!” (cf. abaixo, Is 40,19)<sup>14</sup>. O trabalhador cosmogônico de Jó 37,18, contudo, desapareceu por trás das versões, testemunho, quem sabe, daquilo que Darci Dusilek informou-nos tratar-se de “elemento de *bias*” (que J. M. Rezende aconselha substituir por “viés”<sup>15</sup>) – “informações” da Teologia trabalham sub-repticiamente, configurando o modo como eventualmente se traduzem passagens controversas. Se, contudo, toma-se a passagem rigorosamente como ela parece se apresentar – a divindade assume a forma de um ḥārāš –, imediatamente sinto-me transportado para o *Ciclo de Baal*, mito ugarítico, por meio do qual se é informado de um deus-artesão (ḥārāš), Kothar wa-Hasis, que Baal contrata para construção de seu templo<sup>16</sup>. Penso que a imagem que está por trás de Jó 37,18 seja exatamente essa, a de Yahweh como ḥārāš, em cuja forja fabrica o *firmamentum* – o que, sob outro recorte, remontaria à imagem igualmente cosmogônica de Pr 8,30<sup>17</sup>. Concluindo, em Jó 37,18, a atualização verbal de rq<sup>c</sup> faz-se, mais uma vez, com o sentido de “fabricar chapas”, “laminar”, sendo empregado para fazer referência à fabricação das nuvens do firmamento, logo, do próprio firmamento, nuvens duras como espelho de fundição.

5) Sl 136,6 (cf. Sl 136,1-9)

– lərōqa<sup>c</sup> hā<sup>2</sup>āreṣ<sup>c</sup> al-hammāyim

“Ao que chapeou a terra sobre as águas” (“Ha fissato la terra sulle acque”, “Il affermit la terre sur les eaux”. A *Bíblia do Peregrino* traduz: “o que forjou a terra sobre as águas”. “Forjou” e “chapeou”, aí, traduzem a raiz verbal rq<sup>c</sup> e transmitem a idéia de que “a terra”, aí, consiste numa chapa colocada sobre as águas. O contexto é claramente cosmogônico (cf. v 5.7-9). Yahweh, mais uma vez (cf. Jó 37,18), é descrito como um ḥārāš, que faz na forja “a terra” e a coloca sobre as “águas cosmogônicas”. A raiz verbal rq<sup>c</sup> traduz, então, a ação de “forjar/fabricar (na forja) chapa(s) de metal”.

6) Is 40,19

– happesel nāsak<sup>c</sup> ḥārāš wəṣōrēp bazzāhāb yəraqqə<sup>c</sup>ennū ūrəṭūqōṭ kesep šōrēp

“A estátua (que) funde o ḥārāš, e o ourives com o ouro o chapeia, e grilhões de prata *lhe* solda?”. O sentido da raiz rq<sup>c</sup>, aqui, é bastante próximo do sentido com que é atualizado em

<sup>13</sup> Para a “preposição que indica companhia ou proximidade”, cf. ALONSO-SCHÖKEL, *Dicionário*, 227, p. 503s. Não me parece tratar-se de “comparação” (“podes estender, como Deus etc.”, cf. S. TERRIEN, *Jó*, p. 271).

<sup>14</sup> A relação entre forja e criação em Is 41,6-7 fica ainda mais clara lendo-se os versos segundo a transposição proposta por Alonso-Schökel: Is 40,12-19 + 41,67 + 40,20-26.

<sup>15</sup> Cf. J. N. REZENDE, “BIAS” e VIÉS, disponível em <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende/bias.htm>.

<sup>16</sup> R. J. CLIFFORD, *Creation Accounts in the Ancient Near East and in the Bible*, p. 124-125

<sup>17</sup> “(...) Artesão, ourives, arquiteto, testemunhado em Jr 52,15 e na variante de Ct 7,2. Isso promove ḥokmā<sup>h</sup> a uma função demiúrgica (Sb 7,21) subordinada, expressa por ‘aprendiz’” (cf. Luís ALONSO-SCHÖKEL, *Bíblia do Peregrino*, Pr 8,30a, nota).

Sl 136,6. A imagem é a da fabricação de “lâminas”, “folhas”, “chapas”, com as quais se recobre uma superfície. Entretanto, carrega consigo mais do que a idéia, simples, de “recobrir” ou “revestir” – porque não se empregaria a raiz, por exemplo, para traduzir a idéia de cobrir-se uma mesa com uma toalha. Quando o verbo é empregado, carrega consigo, sempre, a idéia de (fabricação de) chapa (de metal), não importando, então, se, com essas chapas, lâminas ou folhas vão ser fabricados fios (Ex 39,3) ou ser revestidos altares (Nm 17,3.4) e estátuas (Is 40,19), ou se, em contexto cosmogônico, forjadas chapas para as nuvens (Jó 37,18) ou a própria chapa da terra, estabelecida sobre as águas (Sl 136,6). Porque o sentido da raiz carrega, sempre, o calor da forja e o referencial ao trabalho do ḥārāš no seu ambiente de trabalho.

7) Is 42,5

– bōrē<sup>2</sup> haššāmayim wənōṭēhem rōqa<sup>c</sup> hā<sup>2</sup>āreš wəṣe<sup>2</sup>ēšā<sup>2</sup>e<sup>2</sup>hā

“Criador dos céus e estendedor deles, forjador da terra e das descendências dela” (“che ha rafforzato la terra”, “qui a affermi la terre”, “der die Erde ausbreitete”). São observações importantes: o contexto cosmogônico da passagem (cf. Jó 37,18; Sl 136,6), a relação entre “criar” (br<sup>2</sup>), “estender” (nṭh) e “forjar (chapas de metal)” (rq<sup>c</sup>) (remissão sutil a Gn 1,1-2,4a), e a imagem de “a terra” sendo fabricada na forja (cf. Sl 136,6; Is 44,24). As versões preferem “firmar”, como Alonso-Schökel: “firmou a terra”. A essa altura, contudo, já se está em condições de dizer que o resultado dessa “firmeza” é conseqüência, aí, de ser “a terra” *fabricada* como uma chapa, firme, densa e pesada – dessas que se põem sobre buracos, na rua, e que sustentam até caminhões em cima. Como em Jó 37,18, o bōrē<sup>2</sup> (criador) é um ḥārāš. Como em todas as ocorrências anteriores, a raiz rq<sup>c</sup> expressa a idéia de “fabricar chapa(s) de metal”.

8) Is 44,24

– <sup>2</sup>ānōkī yhwh <sup>c</sup>ōse<sup>h</sup> kōl nōṭe<sup>h</sup> šāmayim ləbaddī rōqa<sup>c</sup> hā<sup>2</sup>āreš

“Eu sou Yahweh, o fazedor de tudo, o estendedor sozinho dos céus, o forjador da terra” (“o fissato la terra”, “affermi la terre”, “der die Erde ausbreitete”). Como em Is 42,5, os participios nōṭe<sup>h</sup> (“o que estende”/“estendedor”) e rōqa<sup>c</sup> (“o que forja”, “o que fabrica chapas”, “o que lamina”) estão parelhados – céus estendidos, terra chapada. Se a idéia dos “céus” como *firmamentum* (rāqī<sup>ac</sup> – Gn 1,6.7.8.14.15.17.20; Sl 19,2; Sl 150,1) for recuperada aqui, descobre-se um duplo paralelo: a) os céus, como chapa de metal (rāqī<sup>ac</sup>), são estendidos, ao mesmo tempo em que b) a terra é “forjada e chapada” (rōqa<sup>c</sup>) e, como uma chapa de metal, instalada (“firmada”, “estendida”) sobre as águas. Além disso, o *firmamentum* foi “forjado” (cf. Jó 37,18, Gn 1,6 etc.), e, também, a terra (Cf. Sl 136,6; Is 42,5). Com isso obtêm-se a imagem de um *firmamentum* tão sólido quanto a terra, ambos, “céus” e “terra” surgindo por meio de um trabalho de forja (rq<sup>c</sup>), próprio, conseqüentemente, de um ḥārāš. Naturalmente, já que a raiz rq<sup>c</sup> é forjada a fole. Quando a raiz aparece em contexto cosmogônico, o criador é um ḥārāš.

9) Jr 10,9 (cf. Jr 10,1-16 – polêmica contra os “ídolos”)

– keseḇ mēruqqā<sup>c</sup> mittaršīš yūbā<sup>2</sup>

“Prata laminada de Tarshish (eles) trazem” (BP: “De Tarsis importam prata laminada”, “argento laminato portato da Tarsis”). Trata-se de uma polêmica contra os ídolos, o que resulta na aproximação de dois temas recorrentes: metalurgia e cosmogonia. São indicados os profissionais que trabalham a prata e o ouro (v. 9) para a fabricação da “imagem” e do “ídolo” (pesel e nesek, v. 14). São eles, mais uma vez, o ḥārāš e o “fundidor”. É plausível supor que a prata fosse importada na forma de “lingotes” (“prata laminada”), que, derretida na forja, podia ser moldada de acordo com a encomenda. Assim, a raiz rq<sup>c</sup> traduz a ação de produzir “lâminas”, “folhas”, “chapas” ou “lingotes” de metal.

10) Ez 6,11 (cf. Ez 6,1-14)

– hakkē<sup>h</sup> bəḵappəḵā ūrəqa<sup>c</sup> bəraḡləḵā

“Soca com o teu punho, e martela com o teu pé” (“batti le mani e pesta i piedi”, “bats des mains, frappe du pied”, “Schlage in deine Hand, und stampfe mit deinem Fuß”). Alonso-Schökel traduz “bate palmas e baila” (BP). O texto hebraico, contudo – se isso significa alguma coisa – traz “o teu punho/mão”, e não “os teus punhos/mãos”, o que, então, poderia ser eventualmente interpretado como “bater palmas”. Mas é com apenas um punho que se deve bater. Também não se fala de “pés”, mas de “o teu pé”. Será dança que se propõe? Gesenius vê “indignação” – não júbilo – no gesto<sup>18</sup>. O verbo empregado (נכה, Hifil) evoca “em geral, golpear, ferir”<sup>19</sup> (cf. Ez 5,2; 7,9; 9,5.7.8; 32,15.21; 40,1). Ainda em *Ezequiel*, expressões idiomáticas servem-se do verbo נכה – Ez 21,19.22 e 39,3. Nesta, o verbo expressa a ação de, com um soco (puxão?), desarmar arco e flecha do adversário. Naquela, o “filho do homem” é instado a “profetizar” (נבא), “bater/socar” (נכה) um/a punho/palma (פך) no/a outro/a (פך), e (assim?) “dobrar” e “triplicar” o poder da “espada da grande matança”, gesto que o próprio Yahweh compromete-se a repetir (v. 22). Vejo, aí, um rito mágico-simpático – depois de ela ter sido levada para receber polimento no fio da lâmina (v. 16), o “filho do homem”, com seu gesto mágico, “encanta” a espada, e torna-a mais terrível para a batalha. Inclino-me a pensar que a cena de Ez 6,11 sugere igualmente um ritual mágico-simpático. “Socar com o punho” – como quem bate com o martelo, com a espada, o punho socando o ar, como que socando, batendo em alguma coisa – rito mágico. “Martela com o pé” – como quem martela a bigorna, na forja, pancada após pancada – rito simpático. Com esse ritual, pretende-se “forjar” a destruição dos judeus “idólatras” (cf. v. 1-7). Assim, em Ez 6,11, a raiz rq<sup>c</sup> continua gravitando em torno da forja, nesse caso atualizando-se metonimicamente por meio da referência ao movimento da mão do ḥārāš trabalhando o metal na sua fundição.

11) Ez 25,6 (cf. Ez 25,1-7)

– ya<sup>c</sup>an maḥ<sup>ʔ</sup>āḵā yād wəraq<sup>c</sup>āḵā bəraḡel

“Por causa do teu bater de mão e martelar de pé”. “Bater” (נכה) ocorre em três passagens da Bíblia Hebraica: Sl 98,8, Is 55,12 e Ez 25,6. Nas duas primeiras, sempre em construção

<sup>18</sup> Cf. GESENIUS, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, rq<sup>c</sup>.

<sup>19</sup> Cf. ALONSO-SCHÖKEL, *Dicionário*, נכה, p. 434.

com “palma” (e não “mão”) – יִמְחֹאוּ-כַּפַּיִם (yimḥāʾû-kāp – respectivamente, “que batam palma” e “baterão palma”). Em Ex 25,6, contudo, a expressão constrói-se com “mão” (יָד), e, não, “palma” (כַּף), e, além disso, “*u*’a mão”, e não “*duas* mãos” (cf. Sl 19,2). Significará, contudo, independentemente disso, o mesmo que em Sl 98,8 e Is 52,12? Ou a fórmula deveria ser interpretada como a de Ez 6,11? Lá, inclinei-me a tomar como descrito um ritual mágico – “socar o ar com o punho e martelar o chão com o pé”, evocando, mágico-simpaticamente, assim, a destruição dos “idólatras”. O verbo lá, contudo, é outro (נָכַח), tem o sentido básico de “ferir”. Aqui, não. O que afinal, fez Amon? Aplaudiu (é o sentido que o *Dicionário* de Alonso-Schökel dá para o verbo מָחָא) a queda de Judá? Ou, mais do que isso, “promoveu-a”, realizando ritos mágico-simpáticos de evocação da calamidade? Seja como for, o conjunto das ocorrência do verbo rq<sup>c</sup> deve operar a imagética por trás da expressão בְּרַקְעָה בְּרַגְלָהּ – a raiz pertence ao âmbito da forja, e gravita em torno dos sentidos de “laminar/fabricar chapa de metal” (produto) e “bater/martelar” (modo). Em Ez 25,6, o sentido não pode ser aquele derivado do “produto” do verbo, mas o sentido relacionado à ação do ḥārāš que o opera.

12) 2 Sm 22,43

– kaṭīṭ-ḥūšōṭ ʾādiqqēm ʾerqā<sup>c</sup>em

“Como a lama das ruas, amassei-os e pisoteei-os” (HALOT, רָקַע: “trample”). Alonso-Schökel suprime o termo na BP. “Pisar/pisotear/bater (martelar) com o pé” (cf. Ez 6,11; 25,6), de qualquer forma, guarda o sentido da ação do ḥārāš trabalhando na forja e “martelando” o metal.

13) Sl 19,2

– haššāmayim məsappərīm kəbôḏ-ʾēl  
ūma<sup>c</sup>āšē<sup>h</sup> yādāyw maggîḏ ḥārāqî<sup>ac</sup>

“Os céus proclamam a glória de El, / e os fazeres das suas mãos anuncia o firmamento” (“firmamentum” – Vulgata; “Himmelsgewölbe”, “firmament”). A essa altura, não há mais escapatória. Em todas as ocorrências analisadas, verbais ou nominais, rq<sup>c</sup> expressa a idéia do trabalho com metais, na forja, e a imagem da fabricação de chapas de metal, quando não as próprias chapas. Sl 19,2 constitui-se de dois estíquios (meio-versículos) em paralelismo sinonímico quiástico (invertido):

A Os céus proclamam

B a glória de El,

B’ e os fazeres das suas mãos

A’ anuncia o firmamento

“os céus proclamam a glória de El,

e o firmamento anuncia os fazeres das suas mãos

“Os céus” e “o *firmamentum*” são termos para referência à mesma grandeza – aquilo a que a *Revidierte Elberfelder*, alemã, pode chamar por uma única palavra – Himmelsgewölbe (“abóbada celeste”). Mais do que “firme” – viu-se, chega-se a imaginar (e descrever) ḥārāqî<sup>ac</sup> como uma estrutura tão dura quanto um “espelho” ou um “tacho” fundidos (Jó 37,18).



14) Sl 150,1

– haləlû-ʔēl bəqodšô haləlûhû birqî<sup>ac</sup> ʕuzzô

“Louvai a El no seu santuário, louvai-o no firmamento do seu poder” (“Feste seiner Macht”, “firmament de sa puissance”, “firmamento della sua potenza”, “his mighty heavens”). A *Revidierte Elberfelder* traduz “Feste”, “firmeza”, e não acompanha “Himmelsgewölbe” (“abóbada celeste”), como fizera no Sl 19,2. ARA traz “firmamento, obra do seu poder”, boa no sentido, mas ruim na sintaxe. O Sl 150 é milimétrico na estrutura. Pode ser dividido em três seções, todas relacionadas a um aspecto do “louvor” – onde?, por quê?, como? Onde?, responde-se com o v. 1. Por quê?, com o v. 2. Como?, com os v. 3-5. Assim, convida-se ao “louvor” no santuário (1a) e no “firmamento” (rāqî<sup>ac</sup>). Penso haver, aí, uma dupla referência: a) ao santuário de Jerusalém (“no seu santuário”) e b) ao “santuário celeste” (“no firmamento do seu poder”). rāqî<sup>ac</sup>, aí, não reduz-se a uma expressão abstrata da “firmeza” de El, mas faz referência direta ao Templo Celeste de Yahweh, construído por ele sobre as águas cosmogônicas, sua porção superior, depois que elas foram separadas pelo firmamento.

15) Dn 12,3

– wəhammaškīlīm yazhirû kəzōhar hārāqî<sup>ac</sup>

“E os que forem sábios resplandecerão como o resplendor do firmamento<sup>20</sup>”. Que se trata dos “céus” revela-o o paralelo entre rāqî<sup>ac</sup> e kōkābīm (“estrelas”), como šāmayim (“céus”), no Sl 19,2. Nesses três momentos, “céus”, “estrelas” e “firmamento” referem-se, sempre, à cúpula, à abóbada, à redoma celeste – rāqî<sup>ac</sup>.

3. Das ocorrências de rq<sup>c</sup> na Bíblia Hebraica (exceto Gn 1,1-2,4a e Ez 1 e 10). Síntese.

Da análise da atualização verbal e substantiva da raiz rq<sup>c</sup> na Bíblia Hebraica, sem considerarem-se as ocorrências de Gn 1,1-2,4,a e Ez 1 e 10, três microrredes semânticas se evidenciam: 1) a raiz rq<sup>c</sup> expressa tanto a idéia verbal de “chapar”, ou seja, “fabricar, forjar chapas/lâminas de metal” (Ex 39,3; Nm 17,4; Jó 37,18; Sl 136,6; Is 40,19; Is 42,5; Is 44,24; Jr 10,9), quanto a idéia nominal da própria chapa de metal fabricada (Nm 17,3); 2) derivada diretamente da anterior, a ação de “bater” (com a mão ou com o pé – de modo “forte”, permanece implícito), mimetizando, mágico-simpaticamente, o movimento de “martelar” do ḥārāš na forja (Ez 6,11; Ez 25,6; 2 Sm 22,43); e 3) o firmamento, na qualidade de “céus”, descrito, culturalmente, como uma “chapa de metal fundido e trabalhado na forja” (Sl 19,2; Sl 150,1; Dn 12,3).

O sentido cosmogônico do uso da raiz rq<sup>c</sup> como referência ao trabalho do ḥārāš na forja, bem como, ao mesmo tempo, ao “material” de que o *firmamentum* é constituído – metal –

<sup>20</sup> Para a tradução como “firmamento”, cf. Philip R. DAVIES e John ROGERSON, *The Old Testament World*, p. 206.

pode ser depreendido diretamente de passagens como Jó 37,18; Sl 136,6; Is 42,5 e Is 44,24, porque, aí, o referencial metafórico é a forja e o trabalho do ḥārāš. Por extensão, aplicando-se o mesmo princípio a ocorrências como Sl 19,2; Sl 150,1 e Dn 12,3, conclui-se que, segundo essa particular microrrede cultural, os “céus”, o *firmamentum*, consiste, como a “terra”, em uma chapa de metal, fabricada e instalada, lá, pelo ḥārāš dos ḥārāš – o bōrē, o “criador”. Nesse sentido, aí, Yahweh trabalha como Kothar wa-Hasis, o “deus-artesão” que, no *Ciclo de Baal*, é contratado por este para a fabricação de seu “templo-palácio”. As implicações indutivas dessa análise/síntese para o sentido – e as implicações – da raiz em Gn 1,1-2,4a (e, por extensão, a Ez 1 e 10) não tardam a vir à mente: em que sentido, em Gn 1,1-2,4a, a divindade se relaciona com a forja, com o ḥārāš?, pergunta que se legitima pelo fato de que, ali, é justamente a rāqî<sup>ac</sup> que sustenta as águas superiores, para que, separadas das inferiores, destas possa sair a “terra.

Ora, nesse sentido – a atividade fabril na forja está sustentando a imagética de Gn 1,1-2,4a –, que significa o distanciamento aparente, o diálogo retórico (com quem?), que, aí, a divindade parece ter em face da “obra” que traz, vale dizer, “à tona”? Ou seja – qual a relação entre a “palavra”, o “comando”, a “ordem” criadora e a referência direta ao ḥārāš? “Precisamos de uma rāqî<sup>ac</sup> aqui, pessoal, para segurar essas águas aqui em cima”. Blem! Blem! Blem! Shiiiiiiii... “Sai uma rāqî<sup>ac</sup> no capricho!”...

## Referências Bibliográficas

- APEL, Karl-Otto. *Transformação da Filosofia – II. O a priori da comunidade de comunicação*. São Paulo: Loyola, 2000.
- BOTTERWECK, G. Johannes, RINGGREN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (ed), *Theological Dictionary of the Old Testament*. V. I. Trad. de David E. Green. William B. Eerdmans Publishing, 1974.
- COHEN, Mordechai Z. *Three Approaches to Biblical Metaphor: From Abraham Ibn Ezra and Maimonides to David Kimhi*. Leiden: Brill, 2003.
- DAVIES, Philip R. e ROGERSON, John. *The Old Testament World*. 2nd. ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 2005.
- DETIENNE, Marcel. *Comparar o Incomparável*. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.
- EICHRODT, Walther. *Teología del Antiguo Testamento – II: Dios y mundo, Dios y hombre*. Madrid: Cristiandad, 1975.
- FINOCCHIARO, Maurice A. *Retrying Galileo, 1633-1992*. Berkeley: University of California Press, 2007.
- GESENIUS, Friedrich Heinrich Wilhelm, *A Hebrew and English Lexicon of the Old*

*Testament: Including the Biblical Chaldee.* Translated by Edward Robinson. New Edition. Boston: Crocker and Brewser, 1844.

GOLDINGAY, John. *Old Testament Theology – Israel's Gospel.* Downers Grove: InterVarsity Press, 2003.

HOUTMAN, Cornelius. *Exodus.* Kampen: Kok Publishing House, 1993.

JENNI, Ernst e WESTERMANN, Claus (ed). *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento.* Trad. de Theologisches Handwörterbucher zum Alten Testament. Madrid: Ediciones Cristandad, 1978.

NIEHAUS, Jeffrey Jay. *God at Sinai: Covenant and Theophany in the Bible and Ancient Near East.* Grand Rapids: Zondervan, 1995.

PRESUTTA, David. *The Biblical Cosmos Versus Modern Cosmology: Why the Bible Is Not the Word of God.* Coral Springs: Llumina Press, 2007.

RUMMEL, Stan (ed). *Ras Shamra Parallels: The Texts from Ugarit and the Hebrew Bible.* Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1991.

WESTERMANN, Claus. *Genesis 1-11. A Continental Commentary.* Minneapolis: Fortress Press, 1994.